



O TEXTO LITERÁRIO E O PORTUGUESA ENSINO PRODUTIVO DA LÍNGUA



LITERARY TEXT AND THE PRODUCTIVE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE

DÉBORA SILVA ROCHA

LEOSMAR APARECIDO DA SILVA

CÉLIA SEBASTIANA SILVA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 31/05/2021 • APROVADO EM 30/07/2021

Abstract

This article intend to analyze Mia Couto's tale *Na tal noite*, considering the phonetic-phonological, morphological, lexical and syntactic levels of the text for the production of meaning, to exemplify a possibility of integration in the teaching of Portuguese language. The teaching of Portuguese language are generally without direct connection, which makes it difficult for the student to understand logically the application of certain grammatical theories in many language situations, including literature. This way, been supported on the functionalist perspective, we tried to demonstrate how, in a short story, it is possible to identify meaning effect creations from linguistic resources. The results showed that Mia Couto is a contemporary master in using language resources to produce meaning effects. Furthermore, the research revealed that the critical reading of literary texts favors the student's understanding of the importance of grammar and literature, so that language and literature can be seen and analyzed as integrated fields.

Resumo

Este artigo tem objetivo de analisar o conto *Na tal noite*, de Mia Couto, considerando os níveis fonético-fonológicos, morfológicos sintáticos, semânticos e lexicais do texto para a produção de sentido, de modo a exemplificar uma possibilidade de integração no ensino de língua portuguesa. Isso porque, muitas vezes, o ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Educação Básica é feito de forma fragmentada, o que dificulta que o aluno entenda integradamente os aspectos linguísticos que envolvem o texto, fundamentalmente, o literário, seja do ponto de vista da leitura ou da sua produção. Assim, apoiando-se na perspectiva funcionalista, procura-se demonstrar como, em um texto do gênero conto, é possível identificar efeitos de sentido a partir da análise dos recursos linguísticos. Os resultados evidenciam que Mia Couto é mestre contemporâneo em utilizar-se dos recursos da língua para produzir efeitos de sentido em seus textos. Além disso, a pesquisa mostra que a leitura crítica de textos literários favorece a compreensão do aluno da importância da gramática e da literatura, de modo que língua e literatura possam ser vistas e analisadas como campos integrados.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Conto. Literatura. Gramática. Ensino. Efeitos de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Tale. Integration. Literature. Grammar. Sense effects.

Texto integral

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A disciplina de Língua Portuguesa é constituída de três frentes básicas: gramática, literatura/interpretação de textos e produção textual. Existe uma tradição tanto no ensino público quanto no privado de se abordar essas frentes separadamente, o que constitui um problema. Isso porque, de forma natural, o ensino de língua materna deveria estar diretamente ligado ao ato de se comunicar e de construir discursos coerentes e organizados, já que a língua é veículo de sensações que permite a comunicação e a interação. Para as abordagens enunciativas de língua, todo texto se torna enunciação, inclusive o literário, o que revela a possibilidade de associação do estudo da língua com literatura, já que ambas constituem linguagem e se relacionam com as diferentes vivências que o texto literário nos permite conhecer.

Diante dessa problemática, esse artigo tem o objetivo de fazer uma análise do conto *Na tal noite*, do escritor moçambicano Mia Couto, na qual se procura integrar língua e literatura de tal modo que sirva como parâmetro para o professor trabalhar em sala de aula a gramática do texto, e não a gramática no texto (NEVES, 2012, 2018).

Assim, esse trabalho se faz relevante porque urge observar metodologias, identificar problemas e buscar soluções no sistema de ensino. A ideia de considerar o texto literário um enunciado e torná-lo objeto de estudo das estratégias linguísticas utilizadas para criar efeitos de sentido permite que o aluno verifique uma das diferentes possibilidades de uso da língua. Além disso, é uma alternativa

metodológica que considera com efetividade as necessidades dos discentes, que, muitas vezes, mostram-se desmotivados com a disciplina de Língua Portuguesa – o que chega a ser irônico, uma vez que a língua se faz usual e necessária diariamente em sociedade.

Desse modo, a escolha por uma análise literária associada a níveis linguísticos se deve ao fato de entender-se a necessidade da exemplificação de um estudo integrado, como já dissemos, para um ensino produtivo da língua (TRAVAGLIA, 2010). Tomar como objeto de análise um conto de Mia Couto é estratégico, já que o autor é conhecido justamente por utilizar de jogos linguísticos diversos para criar sentidos na literatura, o que evidencia a eficácia de uma análise, cujo enfoque seja a língua e a literatura simultaneamente. Com Mia Couto e suas habilidades linguísticas, é possível, portanto, além de formar leitores, promover o entendimento sobre os recursos disponíveis na língua para utilização em outros textos que, porventura, os alunos vierem a produzir.

Para além das considerações iniciais e finais, este artigo está dividido em três seções principais. Num primeiro momento, apresenta-se um breve referencial teórico, em que se esclarece a noção de *nível* em termos de análise linguística e faz-se uma breve revisão de literatura. Em seguida, expõem-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. Por fim, faz-se a análise literária do conto *Na tal noite*, de Mia Couto, explorando-se os seus aspectos linguísticos.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E REVISÃO DE LITERATURA

Do ponto de vista linguístico, os níveis de análise constituem uma parcela do que se entende como língua. Antunes (2007) considera que ensinar língua não é ensinar gramática, porque a língua não é somente a gramática. Daí, então, demonstra que uma língua possui:

- *um léxico*: conjunto de palavras, o vocabulário de uma língua;
- *uma gramática*: regras para se construir palavras e sentenças da língua;

E também:

- *a composição de textos*: em que se fazem presentes os recursos de textualização;
- *uma situação de interação*: em que se incluem normas sociais de interação verbal.

Em muitos casos, o ensino de língua portuguesa tem priorizado o segundo item listado por Antunes (2007), deixando de lado, principalmente, a *composição de textos* e a *situação de interação*, que são fundamentais para compreender o modo como a gramática e o léxico organizam-se num determinado texto ou situação interativa, uma vez que a nossa concepção é de que a gramática é plástica, fluida e está em constante variação.

O texto literário é composto com base em uma gramática própria, autoral, original, lírica, dinâmica, controversa, aleatória, subversiva. Manoel de Barros (2016), ao tratar do fazer poético, atesta isso literariamente no texto *O professor de agramática*, ao dizer que “há que apenas saber errar bem o seu idioma”. “Errar bem o idioma” corresponde a fazer poesia, utilizando-se, de modo monitorado, a ‘doença’ das frases, desconstruindo-se a gramática justamente porque a conhece bem.

Mia Couto, por muito saber sobre seu idioma, consegue subvertê-lo, reinventá-lo em estilo próprio, enveredando-se pelos desvios linguísticos arquitetados. Assim como Manoel de Barros e Guimarães Rosa são professores de agramática, Mia Couto também o é, por sua habilidade de ‘errar bem o idioma’.

Dados os objetivos deste artigo, importante se faz a noção de nível de análise linguística. Conforme Benveniste (1995), o conceito de nível parece essencial na determinação do procedimento de análise científica. Além disso, “a noção de nível pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo.” (BENVENISTE, 1995, p. 127). A evolução dos estudos linguísticos, então, propõe a existência dos seguintes níveis de análise linguística: o fonético/fonológico, o morfológico, o lexical, o sintático, o semântico, o pragmático e o discursivo.

O nível pragmático corresponde ao que Antunes (2007) chama de “situação de interação”, que têm suas próprias regras de constituição e organização. O nível discursivo pode ser entendido como o próprio evento de fala (NEVES, 1997) e também como a manifestação, via texto, de aspectos sócio-históricos e ideológicos. Na análise deste trabalho, não trataremos formalmente desses dois níveis, apesar de que, de alguma forma, eles serão considerados, porque são constitutivos da linguagem.

O nível fonético/fonológico trata dos sons, ou do aparelho fonador humano (campo da fonética) ou dos sons de um sistema linguístico particular (campo da fonologia). Dada a especificidade deste artigo, considera-se que o nível fonético/fonológico é indispensável em análises textuais, dado que o fonema é uma das unidades físicas naturais da língua, ou seja, é por meio de um som significativo que as ideias adquirem significados e a língua se dá como forma. É um nível muito caro à análise do texto literário, em razão, sobretudo, na poesia, do ritmo do texto literário e de figuras fonéticas, tradicionalmente conhecidas como assonância, aliteração, paranomásia. Sendo a fonética e a fonologia interdependentes, há a caracterização da fonética como ciência que trata da substância da expressão, e a fonologia como a que trata da forma da expressão (CALLOU; LEITE, 2009, p. 11).

O nível morfológico trata da “estrutura interna das palavras” (SANDALO, 2001), ou seja, da maneira como a palavra é formada e constituída por unidades mínimas de significado, os morfemas, para criar sentido no contexto em que será inserida. A neologia, por exemplo, recurso bastante utilizado por Mia Couto, é objeto de estudo do nível morfológico - e também do lexical -, uma vez que há a criação de novas palavras por meio de morfemas já existentes, traduzindo assim a necessidade de um novo termo, por exemplo, para significar algo novo em contexto específico.

O nível lexical trata do inventário de palavras de uma língua, ou seja, “do amplo repertório de palavras de uma língua ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27). O léxico possibilita a construção de inúmeros efeitos de sentido, já que a

utilização da palavra cria enunciações únicas, com duplo sentido, paradoxais, irônicas, dentre outras que permitem ao interlocutor interagir com o texto para além do que ele naturalmente diz.

O nível sintático trata de como as palavras se relacionam, se combinam e concordam entre si, constituindo sentenças ou cláusulas. Para Neves (2018, p. 44), o texto é a maior unidade de expressão linguística, “que tem de ser considerado sem abandono de toda a situação discursiva em que ele foi produzido”. Acrescenta que o texto é “um todo coeso sustentado por uma organização de natureza semântica que no geral envolve uma rede de predicções coerentes unidas por múltiplos mecanismos de junção”. É justamente essa rede de predicções e mecanismos de junção o objeto de estudo da sintaxe.

O nível semântico, por fim, trata da produção de sentido. Está presente em todos os outros níveis, porque até mesmo os sons possuem traços que podem caracterizá-los como semânticos. Assim, para Cançado (2008), o nível semântico considera os significados das línguas, ou seja, se apoia à ideia de que o falante tem noção da gramática de sua língua e assim, utiliza dela para dar significado às coisas e ao que produz como texto.

Dadas as finalidades deste trabalho, o nível semântico será amplamente explorado na análise do conto *Na tal noite* no que diz respeito à produção de sentidos. Esses sentidos, conforme o que se defende até aqui, são possíveis principalmente pela originalidade com que Mia Couto maneja os outros níveis (fonético/fonológico, o morfológico, o lexical e o sintático). É o nível semântico que se conformará, neste texto, com o que comumente chamamos análise literária.

Importantes trabalhos de pesquisa têm dado relevância à integração entre análise linguística e literatura. Um deles é de Santoro (2007) que objetivou tratar da integração entre língua e literatura entre alunos brasileiros da habilitação em Língua e Literatura Italiana, já que a pesquisadora percebe como problema de pesquisa a separação entre língua e literatura. Com sua pesquisa, chegou-se à conclusão de que a integração entre língua e literatura é eficaz porque aprimora a capacidade de análise dos alunos em relação ao texto, de forma que as competências linguística e discursiva são desenvolvidas.

Outro trabalho é o de Buin-Barbosa (2012, p. 105), que tinha o objetivo de evidenciar que “o texto literário [...] pode funcionar como um elemento de ficcionalização, para que se garanta a construção de sentido para os alunos nas mais diversas situações (que ele ainda não experimentou)”. A pesquisadora chegou à conclusão de que, nas séries iniciais, há certa associação da leitura com situações prazerosas, para que através dela seja feito o trabalho com a Língua Portuguesa, colocando o texto literário no patamar de eixo, em vez de gênero textual.

Os dois trabalhos aqui mencionados mostram que é possível aliar o ensino de língua e literatura com vistas ao desenvolvimento de competências textuais, linguísticas e discursivas do aluno, possibilitando uma experiência diferente com o texto literário, já que se pode compreender melhor seu processo de criação.

Feitas essas considerações, passamos à seção da metodologia do trabalho.

3. METODOLOGIA

Com base em Gil (2002), é importante caracterizar esta pesquisa. Assim, quanto à natureza, ela é aplicada. Quanto aos objetivos, é descritiva e exploratória. Quanto aos procedimentos técnicos, relaciona-se com a pesquisa bibliográfica e documental, já que as análises desenvolvidas são fundamentadas em teorias da linguística e utiliza o texto literário como documento a ser analisado. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, porque considera o potencial de significados do texto literário, o que faz dele um componente artístico e cultural.

A motivação para a produção desta pesquisa se deu a partir da observação, seja por meio da leitura de textos teóricos (NEVES, 1990) seja por meio da escuta de relato informal de professores que há certa apatia dos discentes em estudar gramática, considerando que, para a maioria deles, ela tem uma abordagem sem funcionalidade específica, não é aplicável e, via de regra, não consegue abranger toda a complexidade dos fenômenos da língua e da linguagem. Isso, porque, na escola pública, mesmo que o nome da disciplina seja Língua Portuguesa, os professores costumam separar em quantitativos específicos de aulas semanais suas frentes: literatura, gramática e produção de texto

Mia Couto foi escolhido por estar, em algum nível, mais próximo da realidade do adolescente atual, já que trata de temas polêmicos e ocupa um lugar na literatura que tem grande relevância, o que não se opõe aos autores que estavam entre os cogitados. Além disso, Mia Couto, justamente por fazer uso planejado de diversos recursos linguísticos, provoca no leitor um prazer estético tal que o seduz para ler outros contos. Acresce-se a isso o fato de sua produção cumprir na escola a lei 10.639/2003, por constituir-se literatura africana.

O conto *Na tal noite* foi escolhido pelo fato de que é um texto relativamente curto e que, para produzir sentidos na trama que se constrói no texto, utiliza, com muita frequência, dos diferentes níveis de análise linguística (o fonético, o fonológico, o morfológico e o sintático). Ademais, o conto aborda a temática da opressão/submissão da mulher diante do homem na configuração familiar patriarcal, um tema relevante para a atualidade, já que discussões sobre gênero permeiam diferentes redes sociais e reportagens.

Feita a exposição dos procedimentos metodológicos, passamos à análise dos dados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, uma síntese do conto *Na tal noite* para, posteriormente, tratarmos dos aspectos sonoros, morfológicos, lexicais e sintáticos do conto.

4.1. O CONTO NA TAL NOITE: BREVE 'RECONTO'

O conto *Na tal noite*, do escritor moçambicano Mia Couto, apresenta a história de uma mulher, Mariazinha, que, juntamente com os filhos, recebe a visita do marido, anualmente, apenas no dia 25 de dezembro, em noite de Natal. Assim, o narrador, que possui significativa parcialidade em suas descrições, mostra como existe uma preparação para a chegada do marido, Sidónio: mesmo com receio do que acontecerá, a mulher se arruma de modo inusual, e combina com os filhos o momento de ficar sozinha com o marido “ao sinal combinado”. Afinal, é uma situação eventual que ocorre apenas naquela noite, naquele ano, naquela família.

A chegada de Sidónio é quase triunfal:

(1) *Ei-lo agora, em aparatosa aparição, santificado seja ele e a sua vaidosa viatura.* (COUTO, 2009, p. 45)

E há, em seguida, a entrega de presente aos filhos:

(2) *O pai faz abrir a mala do automóvel e de lá espreitam embrulhos e celofanes. São mais os enfeites que os conteúdos, mas não é assim mesmo a festa: feita de ilusão e brilhos maiores que as substâncias?* (COUTO, 2009, p. 46)

Depois acontece a aproximação entre ele e Mariazinha. A partir desse momento, o narrador descreve com detalhes as sensações, expressões e reações de ambos para as situações que acontecem. A mulher oferece peixe frito ao marido e age como quem deve servi-lo o tempo todo, enquanto que ele age como grande líder da casa e do momento:

(3) – *Fritei um peixe, aquele que você morre pela boca.*

Sidónio estala os dentes na língua e faz passar as espinhas pelos beijos. A esposa comendo em pé, prato no apoio da mão, vai olhando o marido. Resplandecendo o pescoço, o fio de ouro, ambos cada vez mais gordos. (COUTO, 2009, p. 46)

Após o jantar, Sidónio pergunta sobre a sobremesa e Mariazinha cita o vizinho Alves, que a ajudou, já que o açúcar faltara:

(4) – *Há sobremesa. Um docinho?*

– *Estava com falta de açúcar, mas o vizinho, o Alves...*

– *Pois é, açúcar com gentil cortesia do vizinho Alves.* (COUTO, 2009, p. 47)

Nesse instante, instala-se um clima de desconfiança. O marido, sempre ausente, desconfia e indaga a mulher sobre sua fidelidade e, diante da reação chorosa da mulher, o homem, aparentemente por orgulho, se dá por convencido. Assim, a sobremesa é recusada e, depois de um intervalo de ida até a cozinha, os dois voltam a se contatarem, sendo anunciada a primeira vez em que o marido olha, de fato, para a esposa. Esse olhar faz com que ela explique que pegou emprestado o esmalte que enfeita suas unhas e, então, o marido fala em reduzir a mesada, que, ironicamente, não é efetuada há dez meses. Desse modo, Mariazinha propõe que o marido coloque uma música em seu celular para que ela dance. No entanto, ele começa a se despedir e é indagado sobre sua volta. Explica sua ausência pela

“dificuldade das coisas”. Ela sugere que ele volte mesmo e insinua que pode trazer a razão de sua ausência: uma outra família, mas é ignorada:

(5) *Mas você pode trazer os seus outros filhos... os irmãos dos seus filhos. E pode trazer a... ela, também. Eu não me importo, Sidónio.* (COUTO, 2009, p. 49)

(6) *Mas o homem já não está mais na conversa. Chama os filhos para a despedida e ruma para o carro.* (COUTO, 2009, p. 49)

Com a partida de Sidónio, filhos e mulher ficam na porta da casa, quando aparece um intrigante personagem: o vizinho Alves. Assim, o conto se encerra com Mariazinha repetindo a mesma frase que combinara com os filhos anteriormente para ficar a sós com o marido:

(7) – *Já sabem, meninos: ao sinal combinado vocês desaparecem das vistas!*” (COUTO, 2009, p. 49)

Em *Na tal noite*, o autor conta a história com foco em Mariazinha, atribuindo ao narrador papel de parcialidade e defesa da personagem feminina, e, ao descrever e comentar todas as situações, apresenta-a como uma refém da situação em que se encontra, induzindo a justificativa até mesmo para uma possível traição com o vizinho Alves. Fica clara a ideia de devoção que a família, mais especificamente a mulher, tem para com o marido em sua postura diante dele, uma vez que ela o espera, o contempla, o serve e até aceita a ideia de ele trazer sua outra família para a sua casa. O texto sugere, no entanto, certos aspectos que demonstram que Mariazinha tem consciência do que de fato está vivendo, reforçando a ideia de uma dependência emocional, afetiva e até social dessa mulher em relação ao marido.

4.2 ASPECTOS SONOROS DO TEXTO

Em termos de produção de efeitos de sentido, já pelo título do conto, há inventividade do contista-poeta, ao utilizar-se de recursos linguísticos. A escolha de *Na tal noite* como título, embora tenha implicações morfológicas e sintáticas em sua composição, é o aspecto fonético que parece prevalecer, uma vez que visualmente se lê *na tal* (com um espaço em branco entre um termo e outro), mas auditivamente se escuta *Natal* (sem a presença de espaço entre os termos). Isso torna o título ambíguo, porque faz-se referência simultânea: 1) a uma noite supostamente já dada como conhecida ou pelo menos significativa por meio do uso do demonstrativo *tal*; 2) essa noite ocorre no *Natal*, festa cristã em que se celebra o nascimento de Jesus. Tanto pode indicar referência anafórica a *uma noite importante* como pode indicar *a noite de natal*.

No início do texto, situando o leitor no espaço em que a história acontece, o contista utiliza a palavra *quissimusse*, correspondente à palavra *natal*, em Moçambique:

(8) *Vinte e cinco, natal. O quissimusse, como se diz aqui.* (COUTO, 2009, p. 49)

Existe semelhança sonora dessa palavra com *christmas*, que em inglês significa *Natal*. Provavelmente, o efeito não é coincidência, considerando as influências linguísticas de diversos lugares do mundo em países africanos por serem colonizados, inclusive, pela Inglaterra. É válido ressaltar que o contista poderia ter utilizado *christmas*, mas preferiu fazer uso da palavra como ela é “falada” na língua da localidade. Isso parece indicar uma atitude decolonial, de negação da língua do colonizador, mesmo que haja uma semelhança sonora.

4.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS DO TEXTO

Em relação ao nível morfológico, há vários aspectos importantes de serem ressaltados no conto. Um dos principais é a criação de neologismos a partir das regras da própria língua portuguesa. No momento em que os filhos observam a mãe, assim narra o contista:

(9) *Os fillhos rabeiam o olho da mãe, irreconhecendo-a: vestido cheiroso, penteado de cabeleireiro, unhas de manicure.* (COUTO, 2009, p. 46, grifo nosso)

Em *irreconhecendo-a*, houve a transformação de uma forma adjetival *irreconhecível* em uma forma verbal *irreconhecendo-a*. Isso foi feito por meio da substituição do sufixo *-ível* pela desinência de gerúndio *-ndo*. A transitivização do novo verbo por meio da presença do argumento interno *a* também contribui para interpretar a nova palavra como verbo. Os neologismos do texto revelam fluidez categorial com que o autor manipula as palavras. Sufixos são trocados por desinências e isso, no conjunto, funciona como uma assinatura estilística de Mia Couto, assim como ocorre com Guimarães Rosa e em Manoel de Barros. Ainda em (9), as locuções adjetivas *de cabeleireiro* e *de manicure* não necessariamente informam que a mulher foi ao salão de beleza para se arrumar, mas que o penteado e as unhas estavam tão bonitos a ponto de parecerem ser feitos em um. Essa interpretação é justificada pelo uso da preposição *de* e não *no*.

Consideremos ainda o seguinte dado:

(10) *O ouro parece autêntico. Falsificado é o portador, sem marca de origem, nem garantia de proveniência. Sempre que vem, ele exhibe acrescidos fios e anéis, ornamentos douradoiros.* (COUTO, 2009, p.46),

Em (10), o autor faz uma comparação entre Sidónio e o ouro que ele carrega no corpo, utilizando, para isso, uma oposição entre verdade e falsidade. Sabe-se que existe ouro autêntico e ouro falsificado. Ao se referir ao ouro, o narrador supõe que seja autêntico. Ao se referir à pessoa de Sidónio afirma com contundência que é *falsificado*. Subjetivamente, o narrador mostra certa antipatia pelo personagem. O narrador não só diz que *o portador é falsificado* como também justifica esse posicionamento, dizendo que ele é *sem marca de origem, nem garantia de proveniência*, ao contrário do que ocorre com o ouro autêntico.

Termina sua justificativa dizendo que o personagem, quando aparece, exhibe *ornamentos douradoiros*. A palavra *douradoiros* também é um neologismo que mantém em uma forma dois morfemas que fazem alusão ao ouro: *doura-* (de dourado), e *-oiros*. Há, no neologismo, um jogo sonoro que remete o leitor à palavra *duradouro*. Cria, então, efeito ambíguo: 1) os ornamentos do personagem são dourados/reluzentes; 2) os ornamentos são duradouros. Isso, porém, opõe-se à essência de Sidónio, que é episódico. Assim, tem-se de um lado *o ouro* (autêntico, dourado e duradouro) e de outro Sidónio (falsificado, reluzente e episódico).

Há, ainda, no texto, muitos outros neologismos criados pelo autor, como, por exemplo, *escomprida-se* para se referir ao modo como Sidónio estirou-se na cadeira. Esses e outros aspectos morfológicos podem ser investigados pelo professor que se dispuser a trabalhar o conto em sala de aula.

4.4. ASPECTOS LEXICAIS DO TEXTO

O nível lexical é um expediente linguístico, particularmente, importante no conto. As escolhas lexicais feitas por Mia Couto transitam entre o seu propósito lúdico e irônico na construção da narrativa.

Uma primeira observação em relação a esse nível são os nomes utilizados ao longo do texto para se referir ao carro de Sidónio:

viatura > carros sempre novos > trenó > Mercedes > automóvel

Em *viatura*, *carros sempre novos*, *trenó* e *Mercedes* há explícita ironia e subjetividade do narrador, marcando a sua parcialidade em relação ao fato de que Sidónio vive no luxo enquanto Mariazinha e os filhos vivem na pobreza. Em *automóvel* há relativa neutralidade, mas sempre marcando a posse de um carro.

Um outro aspecto são oposições construídas ao longo do texto por meio de lexias específicas. É o caso de *cavalo x burro* e de *goela x garganta*. O primeiro par das oposições surge num momento em que o narrador, por meio do discurso indireto, justifica ironicamente o motivo de Sidónio valorizar sua aparência: era para que Mariazinha não pensasse *que ele foi cavalo e regressa burro*. O segundo par surge no contexto em que a esposa alerta o marido sobre a espinha de peixe na *goela*. O marido retruca dizendo que *goela tem o pobre*. Gente como ele *tem garganta*. A perspectiva linguística de Sidónio é de que existe um léxico específico para pobres e outro para ricos. Ele se coloca pertencente ao grupo dos ricos, estigmatizando Mariazinha. Nesse contexto de usos lexicais, Sidónio é a representação do conservadorismo linguístico, elitista, separatista, preconceituoso. Essa pode ser uma oportunidade de o professor abordar o tema da variação linguística e levar os alunos à reflexão sobre outras unidades lexicais que funcionam como vetores de separatismo socioeconômico.

Um último apontamento sobre o léxico é que, no decorrer do texto, são apresentadas pistas ao leitor de que Sidónio é uma representação caricata de Papai Noel. Isso é visível ao se dizer que o homem desaperta *a fivela no cinto, para em prevenção, se valer por dois* (p. 46) e que *ele se espreme para entrar na viatura* (p.

49). No final, esses indícios são confirmados por meio da fala também irônica do filho: - *O pai é aquele que chama de Papai Natal?*

O posicionamento do narrador contra a representação luxuosa de papai-noel-natal constitui um posicionamento crítico em relação a essa figura na cultura ocidental.

Passa-se, a seguir, para a análise dos aspectos sintáticos do texto.

4.5. ASPECTOS SINTÁTICOS DO TEXTO

O nível sintático é dos mais produtivos no conto de Mia Couto. A associação, muitas vezes inesperada, entre uma palavra e outra na construção da frase-enunciado contribui tanto para conferir lirismo ao texto como para produzir sentidos coerentes com o conteúdo da narrativa, sem contar que tal aspecto vai se fixando como uma assinatura estilística do contista.

Um aspecto sintático observável no texto é a adjetivação, em sua relação com o nome ao qual se refere. Os adjetivos atribuídos a Sidónio, por exemplo, ajudam a construir o personagem, assim como os atribuídos à Mariazinha:

(11) [...] *espera a anual visita do episódico esposo.* (COUTO, 2009, p.45, grifo nosso)

(12) [...] *o esposo cadente com juramento sem prazo de viabilidade.* (COUTO, 2009, p.45, grifo nosso)

(13) *A esposa segue-o, diminuta, protocolar.* (COUTO, 2009, p.46, grifo nosso)

Sidónio é qualificado, em (11), como *episódico esposo* e, em (12), como *cadente*. Em outras partes do texto é também qualificado como *volumoso, governante, refastelado, dono*, comparado a deus. *Episódico* e *cadente* por aparecer rapidamente, como a estrela de Natal. *Volumoso* e *refastelado* por ocupar um grande espaço subjetivo naquela casa. *Governante, dono* e comparado a deus por ser uma figura de devoção para a família, tanto que, ainda, há, numa passagem inicial do texto, uma intertextualidade irônica com a oração Pai Nosso, em *santificado seja ele* (COUTO, 2009, p. 45).

Esses adjetivos, na função de adjuntos adnominais, são usados ao longo do conto e contribuem para que o leitor entenda como os personagens se constituem, como ele se sentem e como o narrador se posiciona em relação aos personagens e aos fatos ficcionais.

Do ponto de vista sintático, em *episódico esposo*, houve uma inversão do tipo *adjetivo/nome* que é menos comum nas diferentes variedades do português, inclusive na de Moçambique. Provavelmente, essa inversão no conto não é gratuita. Ela parece produzir o efeito de sentido de que o fato de o esposo ser *episódico* tem proeminência em relação ao fato de ser esposo. Daí, o adjetivo ganha uma posição tópica na construção. Em termos de Gestalt¹ (ABREU, 2010), *episódico* torna-se

¹Gestalt, em linguística cognitivo-funcional, diz respeito à proeminência de uma entidade ou evento num texto: se é central, assume a função de figura. Se é periférico, assume a função de fundo.

figura e *esposo* torna-se fundo. A mesma ordem (adjetivo/nome) é visível em outros sintagmas do texto: *vaidosa viatura, improvisado presépio, gentil cortesia, humano direito, quebrado vidro, alegre preenchimento*, o que parece indicar que a qualidade precede a substância à qual se refere.

Mariazinha é caracterizada como alguém que está alinhada com seus filhos. É comparada a uma *gelatina a ser descolada do fundo da taça, atrapalhada, diminuta, protocolar, desconstrada das palavras, chorosa, e subitamente dengosa*. Tais adjetivações mostram Mariazinha como mulher desconfortável em sua posição de esposa que quase não tem, de fato, um marido. *Uma gelatina a ser descolada do fundo da taça* performa sua vulnerabilidade perante Sidónio; *estar atrapalhada* mostra como ela fica desconsertada diante dele; *diminuta* compara sua figura à de seu marido; *protocolar* faz dela alguém que cumpre ‘obrigatoriedades’ de esposa; e, quando se faz *subitamente dengosa*, é justamente numa tentativa de quebrar a distância entre eles.

No dado (13), os adjetivos *diminuta, protocolar* estão associados ambigualmente ao nome *esposa* e ao verbo *seguir*. Nesse caso, parece não haver fronteira categorial adjetivos e advérbios. Ambos, fluidamente, atuam em conjunto para caracterizar tanto a entidade (o substantivo) quanto o modo como se deu o evento (verbo) descrito. Esses detalhes gramaticais, ao mesmo tempo em que vão construindo o estilo de Mia Couto, contribuem para a criação de efeitos de sentido, como temos defendido no decorrer deste artigo.

Em dado momento do texto, a mulher é apontada como alguém que *parece viúva*. Ao fazer uso do modal *parecer* no presente do indicativo associado a *viúva*, cria-se no texto o efeito de uma impressão externa à situação vivida pelo casal. Sabe-se que os estados civis, do ponto de vista legal, são objetivos: ou se é solteiro, ou se é casado, ou se vive em união estável ou se é viúvo. Nesse sentido, *parecer viúva* é colocar em destaque a ausência material e afetiva do marido, que se comporta como um marido morto. Em *parece viúva*, há a presença da subjetividade do enunciador amalgamada com uma sutil ironia.

A respeito da chegada de Sidónio, em *Ele nunca tanto chegara* (COUTO, 2009, p. 45), há uma inversão do adjunto adverbial *tanto* em relação ao verbo, que normalmente aparece depois deste. Isso produz certa proeminência das circunstâncias *nunca tanto* (uma vez que o intensificador *tanto* modifica, em alguma medida, também o *nunca*) em relação ao evento (*chegara*). Ou seja, o autor explora o nível sintático para produzir o efeito semântico que deseja, não sendo necessário utilizar mais palavras ou enunciados para isso. Fica claro, portanto, que essa é também uma estratégia para a construção do gênero conto que tem por característica a condensação sem deixar de ser denso e intenso.

Em outra passagem do conto, depois de Sidónio recusar a sobremesa, Mariazinha vai até a cozinha e, nesse momento, o autor utiliza-se de uma oposição para traduzir o abismo entre as realidades de ambos:

(14) [...] *olhando pelo quebrado vidro da janela a luxuosa viatura do marido.* (COUTO, 2009, p.47).

Os adjetivos *quebrado* e *luxeosa* aparecem antes dos nomes aos quais se referem, de modo que ganham proeminência tanto no plano sintático quanto no

plano semântico e intensificam a oposição entre eles e os mundos dos personagens. Além disso, pode-se dizer que há uma referência irônica à já aludida diferença entre o estado de pobreza de um e o de abundância do outro e aos papéis que comumente a sociedade atribui ao homem e à mulher. Enquanto a mulher é protocolar em sua função de esposa, o marido não é. Trocar vidros quebrados, em geral, é uma tarefa típica “do esposo”, mas como, no conto, ele é ausente, parece haver uma ironia em relação ao fato de o homem não cumprir a sua função, ao mesmo tempo em que se denuncia e critica a visão machista e patriarcal que estabelece papéis específicos para um gênero e para outro.

Ao final, quando Sidónio vai embora, um dos filhos pergunta:

(15) *O pai é aquele que chama de Pai Natal?*”(COUTO, 2009, p. 49, grifo nosso)

O filho associa a figura do pai à de Papai Noel, uma vez que esse aparece anualmente, de forma passageira, trazendo presentes e indo embora. Ou seja, para o filho, o significante *Papai Noel* é semelhante ao do que ele construiu de seu pai.

E ainda, há a figura de Sidónio comparada ao do vizinho Alves: enquanto o primeiro vive um país muitíssimo estrangeiro – com o advérbio *muitíssimo* indicando o tamanho da distância, considerando que não há algo mais ou menos estrangeiro – o vizinho “avizinha-se” cada vez mais da família, ajudando nos pequenos problemas da casa, como na falta de açúcar. Assim, fica evidente que a frase que encerra o conto - *Já sabem, meninos: ao sinal combinado vocês desaparecem das vistas!* (COUTO, 2009, p.49) - é ironicamente usada para mostrar a relação que Mariazinha mantém com ambos. Sugere-se que ela tem um caso com o vizinho e não é tão submissa à ausência e à dominação do marido. Ela tem atitude própria.

Importante observar ainda que o conto utiliza de recursos tomados de empréstimo da poesia. Ele é construído por meio, por exemplo, de comparações com marcadores específicos para cada uma, como se verifica nos dados a seguir: *parecendo gelatina; com a mesma ternura que as grávidas acariciam o vindouro; mais calado que um Deus, distante, confiante*. Essa poeticidade, marcada pelo tom irônico em toda a narrativa, é construída também por meio da escolha de objetos diretos imprevisíveis em relação à semântica do verbo. Em *recolhendo a vaidade*, por exemplo, existe poeticidade, porque há incompatibilidade semântica entre o verbo *recolher* e o seu complemento abstrato *vaidade*, de modo a criar uma metáfora ontológica (LAKOFF; JOHNSON, 2002), em que a vaidade ganha feições de substância.

Outro aspecto sintático relevante é a desconstrução de provérbios, como se verifica em (16) e/ou o uso irônico deles, como se verifica em (17) e (18):

(16) *aquele que você come pela boca;* (COUTO, 2009, p.46)

(17) *o homem é tão velho quanto sua idade e a mulher é tão velha quanto parece;* (COUTO, 2009, p.48)

(18) *quem vai à guerra dá e leva. Mas ela tinha ido à paz e só tinha levado.* (COUTO, 2009, p.47)

Fato interessante, ainda, e que constitui uma pista do enunciador para o leitor alcançar os sentidos do texto é o uso do espaço em branco significativo como em *avizinhand*o de *mais*, com a palavra *demais* escrita de modo separado. Nesse uso, o enunciador sugere que há realmente uma relação extraconjugal entre Mariazinha e vizinho Alves. A separação da palavra sugere intensidade no avizinhamen

narrado. Um último aspecto sintático a ser observado é o uso impactante do imperativo e da dupla negação:

(19) *cale-se, mulher. Não diga nada.* (COUTO, 2009, p.47)

Em (19), denuncia-se explicitamente as formas de manifestação do patriarcado, da pretensão de superioridade do homem em privar a mulher do uso linguístico, já que ela não pode *falar* nem *dizer*, inclusive com dupla negação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresentou a análise de um conto da literatura africana tendo como referencial os níveis de análise linguística com o propósito de demonstrar que é possível associar, nas aulas de língua portuguesa, o trabalho com a literatura e a gramática da língua. Defendemos a ideia de que a abordagem do texto literário em sala de aula não deve (e não pode) se limitar ao pretexto para o estudo da metalinguagem gramatical e, ainda menos, para a exploração de aspectos temáticos. O leitor pode estranhar o modo como foi dividida a seção de análise deste trabalho, contudo, tal divisão foi necessária do ponto de vista estritamente organizacional e didático do artigo. Na sala de aula, a maneira como o professor pode desenvolver a sua metodologia de trabalho com o conto deve pautar-se por critérios estabelecidos conforme os objetivos a serem alcançados. A análise aqui produzida servirá apenas como parâmetro para uma aula que efetivamente integre língua e literatura.

Desse modo, é importante que o aluno entenda que o uso da língua está para além de formalidades, tal como mostra Bakhtin (1999, p. 95):

na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.

Isso quer dizer que é preciso que o discente entenda esse uso como um ato essencialmente natural, social e funcional, de modo que dominar o sistema de sua língua o torna sujeito falante e enunciador de ideias, que, com determinados tipos de utilização da linguagem, transmite inúmeras delas, como Mia Couto faz em *Na tal noite*.

Em relação ao conto analisado, conclui-se que o autor nega qualquer possibilidade de permanecer no lugar comum da língua. Assim, rompe com a fonologia, com a morfologia, com o léxico e com a sintaxe padronizadas como norma, como prescrição. Nada é previsível. Onde se espera o previsível, ele surpreende com uma subversão: Onde se espera *noite de natal*, ele usa *na tal noite*. Onde se espera *durarouros*, ele usa *douradoiros*. Onde se espera *christmas*, ele usa *quissimusse*. Onde se espera *Papai Noel*, ele usa *Papai Natal*. Onde se espera completude, ela usa incompletudes. E todos esses novos usos, todas as invenções, todas 'subversões da gramática' têm um fundamento na produção de sentidos do texto.

A questão de haver tantas peculiaridades no uso da palavra em *Na tal noite* permite que o leitor faça interpretações para além do que ele lê: forma e função relacionam-se de modo que a palavra como uma dimensão plástica/concreta é utilizada como meio de expressão de várias ideias e impressões – como características dos personagens e a relação entre eles em determinados momentos – que normalmente seriam expressos de modo detalhado, especificado. Mia Couto, contudo, traz impressões significativas com outros recursos estilísticos. Isso provoca o leitor e provoca no leitor o aguçamento do senso crítico e criativo.

Sendo assim, a análise do conto *Na tal noite* aqui apresentada possibilita, no ensino de português, que o professor tenha, no mínimo, uma orientação de como desenvolver uma aula em que se possa integrar língua e literatura.

Referências

ABREU, A. S. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

ANTUNES, I. C. **Muito além da Gramática**: Por um ensino sem pedras no caminho. 1ª Edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.

ANTUNES, I. C. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARELARO, L. R. G. **O Ensino Fundamental no Brasil**: avanços, perplexidades e tendências. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1039-1066, Especial - Out. 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARROS, M. de. **Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BUIN-BARBOSA, E. **O texto literário e o ensino de língua portuguesa**. Revista L@el em Discurso. Volume 5, 2012.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 11ª edição, 2009.

CANÇADO, M. **Manuel da Semântica: Noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

COUTO, M. **O fio das miçangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

LAKOFF, J.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** [coordenação e tradução Mara Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Educ., [1980] 2002.

LIMA, R. P. **O ensino de língua portuguesa: aspectos metodológicos e linguísticos.** Curitiba. Jan./Dec. 1985.

NEVES, M. H. M. **A gramática na escola.** São Paulo: Contexto, 1990.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. **A necessidade da relativização de fronteiras categoriais no estudo da linguagem.** A evidência das gramaticalizações em português. São Paulo: EDUC, 2012.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do português revelada em textos.** São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 181-206.

SANTORO, E. **Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira em curso de Letras.** USP, São Paulo, 2007. (Tese de doutorado).

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 2010.

Para citar este artigo

ROCHA, D. S.; SILVA, L. A. da.; SILVA, C. B. O texto literário e o ensino produtivo da Língua Portuguesa. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 6, 2021, p. 32-48.

Os autores

DÉBORA SILVA ROCHA é licenciada em Letras: Português pela Universidade Federal de Goiás. Atua como professora dos ensinos fundamental e médio na rede particular de Goiânia.

LEOSMAR APARECIDO DA SILVA é doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui mestrado em Letras e Linguística também pela UFG. É graduado em Letras pela Universidade Estadual

de Goiás. Em 2018, concluiu pós-doutorado na Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Goiás e membro do Grupo de Estudos Funcionalistas. Desenvolve pesquisas na área de descrição de línguas naturais, especificamente, do português contemporâneo falado no Brasil. Desenvolve, também, pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa.

CÉLIA SEBASTIANA SILVA é possui doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de Brasília (2006), mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (2000), especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1995), graduação em Letras pela UEG- GOIÁS (1991), graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (1996). Atualmente é professora da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase de pesquisa em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: modernidade literária, literatura e ensino, formação do leitor de poesia no ensino básico, formação de professores e ensino de Literatura; lírica moderna e contemporânea, Carlos Drummond de Andrade, prosa de ficção, poesia em Goiás.